

A ESCUTA DA URGÊNCIA SUBJETIVA NA ESCOLA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DA PSICANÁLISE LACANIANA

Rodrigo da Silva Almeida ¹

Mariana Alves Vieira ²

RESUMO

O presente artigo discute a escuta da urgência subjetiva nas escolas a partir da Psicanálise Lacaniana. Foi realizada uma revisão de literatura em Psicanálise, a partir de bases de dados. Com base em Freud, abordamos inicialmente o mal-estar na cultura e suas incidências nas escolas. Em seguida problematizamos a prática lacaniana nas instituições e apresentamos a urgência subjetiva, um dispositivo da Psicanálise Lacaniana, como uma possibilidade de acolhimento da angústia no contexto escolar, que se caracteriza por ser uma escuta que acontece no exato momento em que uma demanda surge, sem a necessidade de agendamento prévio. A partir disso, discutimos, com base em Lacan, a dimensão do tempo lógico como um recurso para tratar do sujeito que se encontra em um momento de ruptura com o simbólico. Assim, o intuito do serviço de urgência subjetiva na escola é, *a priori*, não patologizar e nem estigmatizar situações singulares e nem relações, mas ofertar aos sujeitos um espaço de circulação de palavra, escutando-os em suas singularidades e, a partir disso, auxiliá-los a encontrar modos de lidar com sua angústia e sofrimento psíquico.

Palavras-chave: Escola, Urgência Subjetiva, Angústia, Sofrimento Psíquico, Psicanálise Lacaniana.

INTRODUÇÃO

“Que renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época [...]”.

Lacan, 1953/1998, p. 322.

Iniciamos este escrito dando visibilidade a esta orientação de Lacan aos psicanalistas: colocar em seus horizontes a subjetividade de seu tempo. O mal-estar na cultura e o real têm atingido os sujeitos nas diferentes instituições humanas, dentre elas a escola, ocasionando os mais diversos impasses no ato educativo, que se apresentam comumente das seguintes formas: crises de ansiedade e angústia, ideação e/ou tentativa de suicídio, consumo excessivo de drogas lícitas ou ilícitas, sensações de desamparo e confusão mental, labilidade emocional, atos de violência autoagressiva e heteroagressiva, dentre outros (Lopes *et al.*, 2020). A

¹ Doutorando pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe - UFS, rodrigoalmeidapsi@gmail.com;

² Graduada pelo Curso de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal de Sergipe - UFS, mva052003@gmail.com

presença do mal-estar na cultura tem convocado os psicanalistas a saírem de seus consultórios e adentrarem as instituições, no intuito de escutar a angústia e sofrimento psíquico dos sujeitos.

Diante disso, o presente artigo objetiva discutir a escuta/acolhimento da urgência subjetiva na escola, utilizando como referencial teórico a Psicanálise Lacaniana. A presente pesquisa se justifica porque, diante dos impasses que os diferentes atores que compõem a escola enfrentam em seu cotidiano escolar - sejam alunos, educadores, pais, etc. - torna-se importante que seja ofertada a escuta da urgência subjetiva, situações em que o real se apresenta, não sendo passíveis de serem programadas, uma vez que acontece um rompimento na cadeia significante dos sujeitos. A partir dessa escuta, o praticante de Psicanálise aposta na possibilidade de que esses sujeitos encontrem novos significantes que representem melhor suas histórias, construindo recursos simbólicos para lidar com suas questões.

Nesse sentido, este texto está organizado da seguinte forma: inicialmente será descrito o percurso metodológico seguido para a escrita deste estudo, em seguida discutiremos o mal-estar na cultura teorizado por Freud (1930/2010) e a sua incidência nas escolas e na sequência discorreremos sobre a prática lacaniana nas instituições escolares, a partir do dispositivo da urgência subjetiva e de como a elucubração sobre o tempo lógico proposta por Lacan (1945/1998) é um importante recurso que o praticante de Psicanálise poderá utilizar para tratar do sujeito que se encontra em um momento de urgência subjetiva e, conseqüentemente, de ruptura com o simbólico.

A REVISÃO DE LITERATURA EM PSICANÁLISE

“[...] Freud avançava numa pesquisa que não é marcada pelo mesmo estilo que as outras pesquisas científicas. O seu domínio é o da verdade do sujeito. A pesquisa da verdade não é inteiramente redutível à pesquisa objetiva, e mesmo objetivante, do método científico comum [...]”.

Lacan, 1953-1954/2009, p. 33.

Iniciamos este tópico com esta citação de Lacan a respeito da pesquisa em Psicanálise, que diferente do método científico tradicional, diferencia-se pelo estilo singular, cujo foco recai sobre a singularidade do sujeito do inconsciente. Advertidos desta especificidade da

pesquisa em Psicanálise, realizamos uma revisão de literatura em Psicanálise que, de acordo com Zanotti e Miura (2020), é aquela que: “[...] organiza, esclarece e resume as principais obras e pesquisas referentes a um determinado tema, fornecendo um panorama histórico para a melhor compreensão do fenômeno a ser estudado [...]” (Zanotti; Miura, 2020, p. 59). Neste texto, o levantamento da literatura foi realizado em duas bases de dados: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/MEC) e Google Acadêmico, utilizando as combinações de descritores: “*Urgência Subjetiva AND Escola*” e “*Prática Lacaniana em Insituições AND Escola*”.

Localizamos um número razoável de publicações, selecionando, a partir de uma análise crítica e qualitativa dos títulos e resumos, aquelas que traziam a discussão sobre a prática lacaniana na escola, e de que modo o dispositivo da urgência subjetiva pode ser utilizado nas instituições escolares. Apesar de não termos feito nenhum recorte temporal, tivemos o cuidado de trazer as pesquisas mais atuais sobre o assunto. Além disso, também utilizamos textos clássicos de Freud, Lacan e de psicanalistas contemporâneos a respeito desta temática.

O MAL-ESTAR NA CULTURA E SUAS INCIDÊNCIAS NA ESCOLA

Neste tópico discutiremos sobre o mal-estar na cultura teorizado por Freud e a suas incidências nas escolas. Freud (1930\2010) em seu texto “*O Mal-estar na civilização*” denomina como mal-estar na civilização o processo de ingresso do sujeito no laço social. Isso significa que, para que o sujeito faça parte da cultura e possa conviver em sociedade, ele precisará abdicar da satisfação de suas pulsões. Todavia, tal renúncia não é nada fácil para ele, tendo em vista que, desde o seu nascimento, busca constantemente satisfazer as suas demandas. Freud então diz que: “[...] Boa parte da peleja da humanidade se concentra em torno da tarefa de achar um equilíbrio adequado, isto é, que traga felicidade, entre tais exigências individuais e aquelas do grupo, culturais [...]” (Freud, 1930\2010, p. 58).

Dito de outro modo, Freud (1930/2010) diz que o mal-estar na cultura é algo inerente à condição humana, estando o sujeito o tempo todo atravessado pelo impasse entre satisfazer os seus impulsos e abdicar dessa satisfação em prol da vida em comunidade. Além disso, uma vez que esse mal-estar se manifesta em qualquer instituição humana, a escola acaba também sofrendo os seus efeitos.

Segundo Scherer e Carneiro (2020) quando o mal-estar na cultura adentra a escola, acabam sendo produzidas tensões e conflitos. Os educadores, na maioria das vezes, buscam

apaziguar esse insuportável, procurando tamponá-lo para que ele não apareça. Todavia, os autores argumentam que a negação do mal-estar não é sem consequências, uma vez que: “[...] Poderá produzir impotência, gerando imobilidade e desistência, decorrentes de insatisfações e queixas relativas às limitações encontradas no processo” (Scherer; Carneiro, 2020, p. 136).

O mal-estar na cultura produz angústia e sofrimento psíquico nos atores que compõem a instituição escolar, apresentando-se das mais variadas formas, sendo as mais comuns as manifestações de violência, como automutilação, *bullying*, suicídio, dentre outras, podendo gerar imobilidade e adoecimento, decorrentes de insatisfações e queixas em relação às limitações encontradas no processo. Então, uma vez que o mal-estar na escola é inevitável, os educadores têm o desafio de: “[...] encontrar caminhos alternativos, os quais, por sua vez, permitem a reafirmação da aposta educativa e a construção de práticas pedagógicas singulares” (Scherer; Carneiro, 2020, p. 134).

Outra questão importante foi apontada por Freud (1937/2019) em seu texto “*Análise finita e infinita*”, foi que o ato de educar, junto com o governar e o psicanalisar compõem a tríade do que ele nomeou como ofícios impossíveis. Cito Freud: “[...] É quase como se o analisar fosse aquela terceira das profissões “impossíveis”, em que se tem certeza de antemão do resultado insuficiente. As outras duas, mais conhecidas há muito mais tempo, são o educar e o governar” (Freud, 1937/2019, p. 355-356).

Posteriormente, Lacan (1969-1970/1992) retomou estas três impossibilidades freudianas e acrescentou uma quarta: a de fazer desejar. Cito Lacan: “[...] governar, educar, analisar também, e - por que não? – fazer desejar, para completar com uma definição o que caberia ao discurso da histérica, são operações que, falando propriamente, são impossíveis” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 184). Prossegue dizendo que tais operações são impossíveis porque tocam no real, sendo por isso que: “[...] sua plena articulação como impossível é justamente o que nos dá o risco, a chance vislumbrada, de que o seu real, por assim dizer, exploda” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 184).

Lacan (1969-1970/1992) corrobora a proposição de Freud a respeito dos três ofícios impossíveis, acrescentando um quarto, o fazer desejar, justificando que são coisas “malucas” porque elas só se definem no real, uma vez que só se sustentam justamente por serem impossíveis. O real em Psicanálise é aquilo que não cessa de não se inscrever, do qual não é possível circunscrever pelo simbólico e o mal-estar na cultura aponta para essa impossibilidade da linguagem dar conta do real.

Já Scherer e Carneiro (2020) comentam que Freud e Lacan estavam advertindo que operar com essas impossibilidades – educar, psicanalisar, governar e fazer desejar - não

significa que elas não possam ser executadas, mas sim que se presentifica uma falta inerente ao seu fazer, denotando ser inalcançáveis em sua totalidade, só sendo possível lhes fazer borda – o que implica ser sempre uma aposta, pois não há garantias de que sustentá-las resultará em algo bem-sucedido.

Dessa forma, os impasses do mal-estar na escola na atualidade, trazem desafios para a prática lacaniana, naquilo que Harari (2018) propõe de: “[...] levar a Psicanálise para fora dos muros das instituições psicanalíticas, levando os praticantes a inserir seu trabalho nas instituições” (Harari, 2018, p. 19), e é sobre a prática lacaniana em instituições escolares que iremos discutir no tópico a seguir.

A PRÁTICA LACANIANA EM INSTITUIÇÕES ESCOLARES: A ESCUTA DA URGÊNCIA SUBJETIVA

De acordo com Harari (2018) a prática lacaniana em instituições refere-se à clínica psicanalítica realizada fora dos consultórios diante do mal-estar na cultura, adentrando as mais diversas instituições humanas. Isso se justifica por que: “[...] a prática lacaniana não opera com os *standards* e, portanto, não toma consultório e divã como garantias da presença do discurso analítico *strictu senso* lacaniano [...]” (Harari, 2018, p. 10).

Também é válido ressaltar que a prática lacaniana em instituições é um desdobramento daquilo que Freud (1919/2010) já havia dito em seu texto “*Caminhos da Terapia Psicanalítica*”. Neste texto, traça um panorama do estado da Psicanálise e da posição dos psicanalistas na sociedade de sua época, prevendo que ela tomaria novos caminhos, sendo um deles a prática psicanalítica em instituições, dizendo que, para isso, seria necessário promover adaptações na técnica.

Freud (1919/2010) chamou de “psicoterapia para os pobres” essa prática psicanalítica nas instituições, com o intuito de levar a Psicanálise para as camadas populares, dizendo: “[...] Pode-se prever que em algum momento a consciência da sociedade despertará, advertindo-a de que o pobre tem tanto direito a auxílio psíquico quanto hoje em dia se tem a cirurgias gerais [...]” (Freud, 1919/2010, p. 291).

Além disso, Lopes (2017) agrega que os praticantes de Psicanálise não podem perder de vista que a prática lacaniana em instituições se refere a uma abordagem de problemáticas que envolvem o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não apenas no *setting* do tratamento psicanalítico. Também implica se atentar para a importância de fazer a interlocução entre as práticas de escuta nas instituições e seus efeitos para o sujeito. Harari

(2018) corrobora dizendo que a prática lacaniana nas instituições é possível porque: “[...] o ensino de Lacan na orientação lacaniana permite extrair princípios psicanalíticos das mais variadas aplicações, pois é o particular condicionando a experiência” (Harari, 2018, p. 10).

Aproveitamos para fazer uma importante observação a respeito do nosso lugar enquanto pesquisadores: optamos por utilizar a nomeação “praticante de Psicanálise”, proposta por Jacques-Allain Miller (2017), ao abordar as diferenças entre Psicanálise pura, Psicanálise aplicada e psicoterapia. A expressão “praticante de Psicanálise” se refere aos profissionais que possuem uma transferência com a Psicanálise em suas práticas nas instituições (Psicanálise aplicada) no tratamento dos sintomas, o que é diferente dos psicanalistas que atuam no *setting* do consultório (Psicanálise pura), cujo foco de trabalho é a produção de um psicanalista.

Além disso, também optamos por “praticante de Psicanálise” para demarcar que nosso trabalho não é uma psicoterapia e nem uma terapêutica, uma vez que, apesar de a Psicanálise ter, sim, efeitos terapêuticos, ela não é uma modalidade de psicoterapia. Sobre esta distinção entre ambas, Lacan (1967/2003) diz que: “[...] não há definição possível da terapêutica senão a de restabelecimento de um estado primário. Definição, justamente, impossível de enunciar na Psicanálise” (Lacan, 1967/2003, p. 251). Isso implica em dizer que, a Psicanálise e, conseqüentemente, o dispositivo da urgência subjetiva, não são tratamentos que visam produzir uma resposta adaptativa dos sujeitos, no intuito de promover a restauração de um estado anterior ao da irrupção da crise (Lopes *et al.*, 2022).

Então, a Psicanálise não é uma psicoterapia justamente porque, já advertiu Lacan (1977/1992): “[...] não vale a pena terapeutizar o psíquico. Freud também pensava assim. Ele achava que não havia porque pressionar a cura. Ele não procurava nem sugerir nem convencer” (Lacan, 1977/1992, p. 11). Também não é do lugar da Psicologia Escolar que respondemos, uma vez que é a Psicanálise Lacaniana o referencial que guia a nossa prática, partindo do pressuposto de que a Psicanálise não é uma abordagem da Psicologia. Não aprofundaremos a discussão sobre as diferenças entre Psicologia e Psicanálise neste artigo, uma vez que o foco aqui não é este, mas consideramos importante demarcar que a Psicanálise não é uma abordagem da Psicologia.

Prosseguimos então com a colocação de Pereira (2020) de que a prática lacaniana nas instituições assume uma concepção de sintoma sob um viés lacaniano. Isso significa abdicar da visão do sintoma como algo médico, que tende a ser reduzido pelo discurso biomédico como algo estritamente biológico e substituí-lo pela concepção de sintoma psíquico ou subjetivo. Nas palavras de Lacan (1974\2005): “[...] a Psicanálise é um sintoma. [...] Ela faz

nitidamente parte deste mal-estar da civilização de que Freud falou. O mais provável é que as pessoas não se limitem a perceber que o sintoma é o que há de mais real” (Lacan, 1974/2005, p. 66). Mais adiante, neste mesmo texto, Lacan acrescenta que o sintoma é aquilo: “[...] que não funciona” (Lacan, 1974/2005, p. 71).

Além disso, um dos dispositivos que podem ser utilizados na prática lacaniana na escola é a urgência subjetiva, uma forma de Psicanálise aplicada em que se oferta um espaço de escuta e de circulação de palavra aos atores que compõem a instituição, sem a necessidade de agendamento prévio. Geralmente são realizados até oito atendimentos, porém não existe a obrigatoriedade de que seja realizado esse total de sessões, tendo em vista que se trata de uma clínica do um-a-um, podendo esse número de encontros ser menor ou maior do que oito. É a especificidade de uma clínica inscrita em uma instituição - neste caso a escolar.

De acordo com Costa (2021) a urgência subjetiva é um: “[...] dispositivo clínico, eticamente orientado pela psicanálise, não visa patologizar situações singulares nem relações. Antes, busca acolher, reconhecer e direcionar o desamparo psíquico em uma aposta na direção da vida” (Costa, 2021, p. 9). Já Lopes *et al.* (2022) afirmam que na urgência subjetiva se trabalham demandas nas quais o sujeito não consegue se utilizar dos recursos psíquicos que antes lhe possibilitavam lidar com suas questões, após a irrupção de um acontecimento traumático. São as manifestações do mal-estar na escola que: “[...] tem se apresentado pela via do ato ou do afeto, como crises de ansiedade e angústia, suicídios, consumo excessivo de drogas lícitas ou ilícitas, sensações de desamparo e confusão mental, labilidade emocional, atos de violência autoagressiva e heteroagressiva” (Lopes *et al.*, 2022, p. 69).

Simões (2011) sublinha que uma das características de uma situação de urgência é o fato de não ter uma hora ou um lugar para acontecer, pois costuma se precipitar de modo imprevisível, corroborando para causar angústia e sofrimento psíquico nos sujeitos. Isso significa que as demandas de urgência subjetiva caracterizam-se pela necessidade de uma intervenção rápida, uma vez que se entrelaçam no momento em que o sujeito sofre um rompimento agudo da sua cadeia significante, configurando uma situação traumática.

Cordeiro e Miranda (2020) corroboram dizendo que, no trauma, o sujeito tem um encontro com o real que não cessa de não se inscrever. O resultado disso é: “[...] o sujeito, num primeiro tempo, mergulha no estarecimento, devido à hiância que se abriu entre o acontecimento e a sua capacidade de compreender” (Cordeiro; Miranda, 2020, p. 136-137). Isso significa que numa urgência subjetiva acontece uma irrupção do real, um acontecimento que se caracteriza por estar desarticulado do simbólico, não sendo possível encontrar palavras para nomear aquilo que se apresenta como algo (in)suportável, havendo: “[...] uma

interrupção do tempo e do espaço, abrindo lugar para um vazio e o surgimento de afetos angústia e o desamparo. É como se o sujeito estivesse vivendo “fora de si” (Cordeiro; Miranda, 2020, p. 136).

Simões (2011) corrobora dizendo que o encontro com o real comumente produz surpresa e desespero diante do inesperado. Através do dispositivo da urgência subjetiva na escola, o praticante de Psicanálise irá, em sua escuta: “[...] tratar o sujeito colocando seu sintoma a trabalho, incluindo a transferência em seu produto e localizando o real como ponto traumático da linguagem. Visa-se assim, a constituir um saber através do não-sabido, um saber particular” (Simões, 2011, p. 17).

Cordeiro e Miranda (2020) lembram que na urgência subjetiva é preciso que se instale um tempo para que o sujeito consiga falar sobre sua angústia para, a partir disso, conseguir traçar as coordenadas simbólicas que lhe possibilitem construir um lugar de fala do qual possa dizer sobre si, tendo em vista que se encontra em um momento de urgência psíquica: “[...] promovida por um acontecimento inesperado que o confronta com o sofrimento, a dor e a possibilidade de morrer, deslocando-o de seu quadro de vida. Trata-se de um momento traumático, mas que pode ser fecundo para o sujeito implicar-se com sua subjetividade” (Cordeiro; Miranda, 2020, p. 136).

Diante da pressa que comumente está presente na demanda daqueles que buscam a escuta na urgência subjetiva: “[...] o praticante da psicanálise propõe uma pausa para escutar o que ali se passa. É preciso um tempo para que o acontecimento que toca o real possa fazer parte da história do sujeito. Somente desta forma poderá dizer “disto” que se fez insuportável” (Simões, 2011, p. 9). Lacan (1945/1998), ao abordar a dimensão do tempo lógico, proporciona um valioso recurso para tratar do sujeito que se encontra em um momento de ruptura com o simbólico.

Segundo Lacan (1945/1998) a elaboração psíquica não se processa obedecendo a uma cronologia, mas a uma dimensão lógica. Lacan (1964/2008) também diz que esse tempo lógico é constituído por três tempos: “[...] Primeiro, o *instante de ver* – que não é sem mistério, se bem que bastante definido nessa experiência psicológica de operação intelectual que é o *insight*. Depois, o *tempo para compreender*. Enfim, o *momento de concluir* [...]” (Lacan, 1964/2008, p. 45).

Dito de outro modo, Lacan está demarcando a existência de três tempos lógicos que compõem uma análise e que também podem ser pensados no dispositivo da urgência subjetiva. Pensar no tempo lógico do inconsciente é estar advertido de que a forma como lidamos com as nossas questões, elaborando-as, não acontece de forma cronológica, mas

lógica. Isso implica em dizer que o tempo que cada sujeito leva para elaborar suas questões é singular. Além disso, esses três tempos são: o 1) instante de ver, que, como o nome já antecipa, refere-se a esse momento em que o sujeito consegue enxergar a situação que o acomete, tendo um *insight*; o 2) o tempo de compreender é quando ele consegue elaborar algo da situação e o 3) momento de concluir é aquele em que consegue extrair algo disso que ele viu e compreendeu, passando a ter novos recursos simbólicos e uma nova posição subjetiva.

Simões (2011), ancorada na dimensão do tempo lógico proposta por Lacan, comenta que numa urgência subjetiva, entre o instante de ver e o de concluir, não há tempo para que o sujeito, ao ter um encontro com o real, consiga compreender o que está lhe acontecendo naquele momento. Advertido disso, o praticante de Psicanálise, em resposta à pressa de chegar ao momento de concluir, vai trabalhar para que esse tempo de compreender não seja perdido.

Já Azevedo (2016) diz que o tempo lógico é um importante recurso psicanalítico na abordagem da urgência subjetiva, uma vez que nesse momento de ruptura simbólica, em que o sujeito se vê na iminência de estar confundido na condição de objeto, a autora sustenta que: “[...] o manejo lógico do tempo pode convocar o paciente a dar resposta a partir de sua condição de sujeito mesmo que tal resposta demande um tempo – a abertura de um tempo para compreender – que o analista poderá escutar” (Azevedo, 2016, p. 8).

Já Cordeiro e Miranda (2020) dizem que: “[...] a urgência subjetiva produz um curto-circuito entre o instante de ver (o acontecimento) e o tempo de compreender (esse acontecimento), o sujeito está no intervalo entre o que não existe e o que está prestes a existir” (Cordeiro; Miranda, 2020, p. 137). Azevedo (2016) agrega que nesses momentos de urgência subjetiva, em decorrência do curto-circuito entre o instante de ver e o momento de concluir, o que resulta disso é a deslocalização do sujeito em relação à sua história, sem: “[...] a possibilidade de compreensão. O tempo nestes momentos de urgência subjetiva deflagra a impossibilidade dos sujeitos enredados pela contingência do acontecimento, de responder do seu lugar de sujeito” (Azevedo, 2016, p. 5).

Assim, através do dispositivo da urgência subjetiva na escola o praticante de Psicanálise oferta sua escuta para situações que não são passíveis de serem programadas pelo sujeito, tendo em vista que não pode contar com as representações simbólicas e imaginárias nas quais estava ancorado, e por isso configurando uma situação de trauma, se engajando numa: “[...] escuta alicada ao particular, apostando no singular, no um a um, afirmando que a palavra pode viabilizar ao sujeito reatar o fio da sua história encontrando uma saída possível para o mal-estar inerente à condição humana” (Simões, 2011, p. 9).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] É tão difícil falar e dizer coisas que não podem ser ditas. É tão silencioso”.

Clarice Lispector, 2020.

Iniciamos nossas considerações finais trazendo essa epígrafe de Clarice Lispector (2020) que, em seu livro “*Água viva*” parece, para nós, estar falando daquilo que em Psicanálise Lacaniana nomeamos de real, o inominável que se revela através do mal-estar na cultura e que ganha contornos na escola através do impossível de educar. Nas palavras de Lacan: “[...] O real, eu diria, é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente”. (Lacan, 1972-1973/2008, p. 140).

Diante disso, a prática lacaniana nas escolas, através do dispositivo da urgência subjetiva, vem como uma possibilidade de escutar esse mal-estar na urgência subjetiva, situações que não são passíveis de serem programadas, tendo em vista que, em decorrência da irrupção do real, o sujeito sofre um rompimento agudo da sua cadeia significante, configurando uma situação traumática. Uma vez que na urgência subjetiva é preciso que se instale um tempo para que o sujeito consiga falar sobre sua angústia para, a partir disso, conseguir traçar as coordenadas simbólicas que lhe possibilitem construir um lugar de fala do qual possa dizer sobre si, a proposição de Lacan sobre a dimensão do tempo lógico é um importante recurso para tratar do sujeito que se encontra em um momento de ruptura com o simbólico.

Dessa forma, uma vez que numa urgência subjetiva, entre o instante de ver e o de concluir, não há tempo para que o sujeito, ao ter um encontro com o real, consiga compreender o que está lhe acontecendo naquele momento, o praticante de Psicanálise, em resposta à pressa de chegar ao momento de concluir, vai trabalhar para que esse tempo de compreender não seja perdido, propondo uma pausa para escutar o que ali se passa e para que o acontecimento que toca o real possa fazer parte da história do sujeito. Assim, o serviço de urgência subjetiva na escola oferta aos sujeitos um espaço de circulação de palavra, escutando-os em suas singularidades e, a partir disso, aposta na possibilidade de que venham a encontrar modos de lidar com sua angústia e sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, E. C. **Não há tempo...a perder**: o tempo lógico na clínica da urgência subjetiva. 2016, 98f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2016. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/Elaine%20Cristina%20Azevedo.pdf>. Disponível em 13 Ago. 2023.

CORDEIRO, S. N.; MIRANDA, F. S. A Vida por um fio: a clínica entre a urgência subjetiva e a urgência médica. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**. Londrina, v. 11, n. 3, Dez. 2020, p. 132-145. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/414/28944>. Acesso em 13 Ago. 2023.

COSTA, C. A. **O PSIU-UFBA e a noção de urgência subjetiva**: uma leitura psicanalítica. 2021, 108f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/camila_abreu.pdf. Acesso em 13 Ago. 2023.

FREUD, S. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). *In*: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 279-292. Obras Completas.

FREUD, S. O Mal-estar na civilização (1930). *In*: FREUD, S. **O Mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. Obras Completas, v. 18.

FREUD, S. Análise finita e infinita (1937). *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019, p. 315-364. Obras Incompletas.

HARARI, A. **Fundamentos da prática lacaniana**: risco e corpo. Belo Horizonte\MG: Relicário, 2018.

LACAN, J. O Tempo lógico e a asserção de certeza antecipada – um novo sofisma (1945). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 197-213.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). *In*: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-324.

LACAN, J. **O Seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud (1953-1954). 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, J. **O Seminário, livro 11**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964). 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola (1967). *In*: LACAN, J. **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 248-264.

LACAN, J. **O Seminário, livro 17**: O avesso da psicanálise (1969-1970). Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

LACAN, J. **O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. **O Triunfo da religião, precedido de discurso aos católicos (1974)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. Série Paradoxos de Lacan.

LACAN, J. **Abertura da sessão clínica (1977)**. Traço, n. 9, 1992. Disponível em: <https://docplayer.com.br/48931841-Abertura-da-secao-clinica-jacques-lacan-vincennes-5-de-janeiro-de-1977.html>. Acesso em 13 Ago. 2023.

LISPECTOR, C. **Água viva**. São Paulo: Rocco, 2020.

LOPES, L. S. **A escola como cenário de narrativas da adolescência: escuta psicanalítica de adolescentes que praticam automutilação**. 2017, 164f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE, 2017. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_df0573fae4bde0b48e3cde12a17. Acesso em 02 Jul. 2023.

LOPES, J. P.; TOMAZLL, J. M. T.; CRUZ, D. M.; TEIXEIRA, L. C.; ROCHA, B. E. A. B.; DANZIATO, L. Atendimentos psicanalíticos em urgência subjetiva – mulheres em situação de violência doméstica em tempos de covid-19. **Cadernos ESP – Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará**. Ceará, v. 16, n. 1, Mar. 2022, p. 66-74. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/578>. Acesso em 13 Ago. 2023.

MILLER, J-A. Psicanálise pura, psicanálise aplicada & psicoterapia. **Opção Lacaniana Online**, v. 8, n. 22, 2017. Disponível em: http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_22/Psicanalise_pura.pdf. Acesso em 13 Ago. 2023.

PEREIRA, M. R. A Psicanálise que praticamos na educação e seus possíveis equívocos. *In*: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 45-62.

SCHERER, L. C. B.; CARNEIRO, C. Mal-estar na escola e a aposta docente: encontros e desencontros. *In*: VOLTOLINI, R.; GURSKI, R. (Orgs.). **Retratos da pesquisa em psicanálise e educação**. São Paulo: Contracorrente, 2020, p. 133-148.

SIMÕES, C. L. F. **A Clínica da urgência subjetiva: efeitos da psicanálise em um pronto atendimento**. 2011, 103f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: https://www.pucminas/documentos/dissertacao_carolina_leal.pdf. Acesso em 13 Ago. 2023.

ZANOTTI, S. V.; MIURA, P. O. Revisão da literatura: os exemplos de Freud e Lacan. *In*: QUEIROZ, E. F.; ZANOTTI, S. V. (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em psicanálise**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020, p. 55-74.